



Aquela que diz não à sombra: biografia e obra da escritora martinicana Françoise Ega

The One Who Denies Her Shadow: Life and Work of the Martinican Writer Françoise Ega

Samanta Vitória Siqueira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

smv.siqueira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9237-7275>

Karina de Castilhos Lucena

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

kclucena@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-5254-514X>

Resumo: Este artigo apresenta a biografia e as obras da escritora, empregada doméstica e militante social martinicana Françoise Ega (1920-1976) buscando dar visibilidade para sua trajetória de vida e para suas publicações ainda pouco conhecidas nos círculos acadêmicos e literários brasileiros. Primeiramente, apresentamos a biografia da autora com foco em seus deslocamentos e atuação política. Depois, comentamos brevemente suas obras *Le temps de madras* (1966), *Lettres à une noire* (1978) e *L'Alizé ne soufflait plus* (2000), relacionando-as com a vida da autora e com a sociedade martinicana. Por fim, sob uma perspectiva que não dissocia literatura e sociedade e que considera a história específica de socialização de mulheres diaspóricas afrodescendentes, propõe-se uma reflexão sobre o lugar de intelectuais negras na história da literatura latino-americana.

Palavras-chave: Françoise Ega; escritoras diaspóricas; literatura antilhana.

Abstract: This paper presents the biography and works of Martinican writer, laborer and social activist Françoise Ega (1920-1976), seeking to shed light on her life story and her lesser known publications among Brazilian academic and literary circles. Firstly, we present the writer's biography, focusing on her relocations and political engagement. Secondly, we introduce Ega's works *Le temps de madras* (1966), *Lettres à une noire* (1978) and *L'Alizé ne soufflait plus* (2000), and their relationship with both her life and the Martinican society. Ultimately, from a perspective which compromises literature and society, acknowledging the specific socialization history of diasporic women of African descent, we propose a reflection on the role of black women intellectuals in the history of Latin American literature.

Keywords: Françoise Ega; diasporic writers; Antillean literature.

Pourtant nous sommes de ceux qui disent non à l'ombre.
Nous savons que le salut du monde dépend de nous aussi.
Que la terre a besoin de n'importe lesquels d'entre ses fils.

Aimé Césaire, 1941¹

1 Quem é Françoise Ega?

Françoise Ega (1920-1976) foi uma escritora e militante social martinicana. Conhecida como *Mam'Ega* entre seus vizinhos e amigos, ela desempenhou um papel de extrema importância na periferia da cidade de Marselha ao denunciar as realidades das imigrantes antilhanas na França nos anos 1960. Além disso, se envolveu incansavelmente na criação de associações sociais e na luta política por direitos da população periférica – em sua maioria imigrante – de Marselha. Essas e outras experiências de Ega são grande base para a composição e ambientalização de sua obra.

Nascida na cidade de Case-Pilote, na ilha da Martinica, Françoise é filha do guarda florestal Claude Eugène Josué Modock e de Sixte Marie Olive Déhe Partel, costureira. Sua família é originária da atual cidade Morne-Rouge – cidade do norte da ilha, próxima ao vulcão Montagne Pelée. Para compreender o que essa localização geográfica nos diz, é

¹ Tradução nossa: “No entanto, nós somos daqueles que dizem não à sombra. Nós sabemos que a salvação do mundo depende de nós também. Que a terra precisa de qualquer um dos seus filhos.”. (CÉSAIRE, 1978, p. 6)

preciso explicar um pouco da história das cidades martinicanas que levam *Morne* em seu nome. Após a abolição da escravatura de 1848, na Martinica, os ex-escravizados tinham apenas duas opções: continuar trabalhando para os colonizadores remuneradamente ou refazerem suas vidas nas partes mais elevadas e inabitadas das ilhas, nas colinas – as ditas *mornes*. A maioria dos ex-escravizados decidiu então construir suas novas vidas baseadas no trabalho agrícola e numa subsistência comunitária. O modo de vida nas *mornes* perdurou até 1970 e atualmente são cidades profundamente marcadas pela história de sua origem. Assim, sabendo que a história social martinicana já é imensamente marcada por questões de desigualdade sociais e raciais,² o fato de habitar ou ser originário de uma antiga *morne* é importante para entendermos um pouco da história de François: uma mulher negra descendente de ex-escravizados.

Por conta de suas condições modestas, Ega obtém com muito trabalho e dedicação o *Certificat d'Études Primaires* (equivalente hoje em dia ao certificado do ensino fundamental no Brasil), o *Brevet Élémentaire* (prova realizada para comprovação do ensino fundamental) e um *Certificat d'Aptitude Professionnelle* de datilógrafa, que seria o equivalente a um curso técnico no Brasil. Em resumo, François terminou apenas o ensino fundamental e seguiu uma formação técnica em datilografia. Por causa da Guerra, ela deixa a Martinica e vai para a França, casando-se em 1946 com o enfermeiro militar também martinicano Frantz Ega. Embora já se conhecessem desde a adolescência na Martinica, Frantz e François só irão se casar em território metropolitano.³

No mesmo ano do casamento, Frantz parte para trabalhar na Guerra da Indochina e em seguida parte para trabalhar na África. François o encontra em 1950 em Casamance, atual Senegal, e em 1953, os dois também partem para uma temporada em Madagascar. Na época,

² Para saber mais sobre a história da ilha, ver Siqueira (2020), *A voz antilhana registrada por Ina Césaire: desafios de tradução da oralitura em Contes de nuits et de jours aux Antilles*.

³ As informações aqui reproduzidas foram retiradas em parte do site da associação que leva o nome de François Ega (Comitê *Vivre Ensemble Mam'Ega*: <https://vivreensemble.org/francoise-ega/>) e em parte de documentos não publicados, fornecidos por seus filhos. A autora Samanta teve a oportunidade de conhecer a associação em janeiro de 2020 e de conversar com os filhos de Ega, Jean-Marc, Jean-Pierre, Jean-Luc e Christiane, bem como com alguns amigos e responsáveis pelas atividades do Comitê; conversas que muito ajudaram a obter informações detalhadas e precisas sobre a escritora.

por conta do trabalho militar de Frantz, o casal e seus dois primeiros filhos (Jean-Luc, nascido em 1952, e Jean-Marc, nascido em 1954) tinham um status social que permitia ter empregadas domésticas, por exemplo. Após os trabalhos de Frantz pela África, Costa do Marfim, Senegal e Madagascar, eles se instalam definitivamente em Marselha em 1955. Nos anos seguintes nascem seus outros três filhos: em 1956, Christiane Toumson-Ega, em 1957, Jean-Pierre e em 1958, Jean-Michel.

Desde sua chegada aos bairros periféricos do norte de Marselha – a família morou primeiro em Olives e depois em Busserine –, Françoise se engaja no combate contra a miséria e contra os preconceitos raciais e sociais. Convencida de que “a instrução é a primeira porta em direção à liberdade”,⁴ ela entra em uma associação de pais de alunos, estimula a escolaridade de seus filhos e intervém na educação das outras crianças com dificuldades na escola. Ela luta pela humanização dos bairros do norte, que na época começavam a ser habitados por diversos imigrantes: árabes, italianos e antilhanos. Dessa maneira, não tarda para que ela se torne realmente um nome conhecido na comunidade: era Mam’Ega (apelido vindo de Madame Ega) que assumia a responsabilidade de escrever ao prefeito da cidade exigindo a criação de um centro cultural para o bairro e que o trajeto do ônibus passasse nas periferias. Sabendo da importância de uma ação política para sua família e a comunidade que crescia ao seu redor, Ega se identifica como militante de esquerda e funda a primeira associação de imigrantes antilho-guianeses de Marselha: a AMITAG (*L’Amicale des travailleurs antillais et guyanais*). Funda também a associação cultural e esportiva antilho-guianense ACSAG (*L’Association culturelle et sportive antillo-guyanaise*), com a intenção de favorecer a participação dos imigrantes nas atividades culturais da cidade. Além disso, como traz em algumas passagens do seu livro *Lettres à une noire* (1978), Françoise não hesitava em ajudar os imigrantes da Martinica e de Guadalupe com tarefas administrativas e burocráticas relativas a suas instalações e remunerações na França metropolitana. Muitas vezes também ajudava na alfabetização dos imigrantes que chegavam à França. Além de todo seu engajamento político, Ega era leitora assídua principalmente de escritores norte-americanos negros e participava do clube de poetas de Marselha. Foi neste clube que começou a escrever seus primeiros textos, mas nunca com a pretensão de publicá-los.

⁴ Frase de Françoise reportada por Jean-Pierre, um de seus filhos, em uma das conversas que tivemos com ele, em janeiro de 2020.

Leitora e grande entusiasta de autores negros, a escritora martinicana mostrava bastante consciência quanto a sua identidade racial. Encontra-se em sua biblioteca, por exemplo, o livro *Journal de la Traite des noirs*, de Dam Joulin e Charles Le Breton La Vallée, com uma anotação na primeira página: “Eu sou a bisneta de uma escrava, Suzanne, não posso esquecer. O esquecimento em alguns casos é uma traição. Cabe a nós ensinar nossos filhos a sua origem para que, a partir de agora, eles vivam dignamente”.⁵ Esse registro na entrada de um livro sobre o tráfico negreiro e as diversas conversas sobre identidade negra que seus filhos reportam até hoje nos fazem pensar a respeito de sua consciência racial e sua compreensão da diáspora africana.

E é a partir dessa consciência e dessa compreensão que Françoise teve contato com a obra da brasileira Carolina Maria de Jesus. A martinicana, que comprava toda semana a revista *Paris Match*, famosa por dedicar algumas matérias relacionadas a escritores e personalidades negras naquela época, acabou encontrando uma reportagem sobre Carolina na edição de 05 de maio de 1962, seguida de um resumo e trechos de *Quarto de despejo* (1960). Na época, Françoise seguia suas atividades enquanto mãe e militante, mas também trabalhava como empregada doméstica. Não por acaso, nem por extrema necessidade: após ouvir sobre a rotina sofrida que outras mulheres antilhanas passavam sendo domésticas, ela decidiu que também queria sentir na pele como suas irmãs negras, antilhanas e expatriadas se sentiam. Embora o dinheiro que o marido ganhava fosse suficiente para o sustento da família de cinco crianças, Françoise se lançou na busca de trabalho. Desse modo, a identificação com os escritos da brasileira foi imediata. A prova disso é seu livro póstumo *Lettres à une noire* (1978), que reúne as cartas escritas por Françoise – porém não enviadas – como uma resposta ao livro *Quarto de despejo*. Apresentaremos a seguir uma análise mais detalhada sobre essas correspondências. Infelizmente a notícia da ligação entre a brasileira e a martinicana é bastante recente, o que explica a inexistência até o momento da tradução para o português de *Lettres à une noire* e das outras obras de Ega.

⁵ Tradução nossa. Texto de partida original encontrado pela autora Samanta a partir do acesso a alguns livros de Françoise: « Je suis l’arrière-petite-fille d’une esclave, Suzanne, je ne peux [pas] l’oublier. L’oubli dans certains cas est une trahison. Il nous appartient d’enseigner à nos petits enfants leur origine afin que dans la dignité ils vivent désormais. »

Em 1963, na mesma época em que Françoise se inspirava nos escritos de Carolina para continuar a escrever seus próprios livros, o governo francês cria o Bumidom, *Bureau pour le développement des migrations dans les départements d'outre-mer* (“Escritório para o desenvolvimento das migrações nos departamentos ultramarinos”). Este dispositivo se justificava pela causa da crise das indústrias açucareiras nas Antilhas e sob o pretexto de solucionar os problemas demográficos dos departamentos ultramarinos em geral. O objetivo era facilitar a emigração da população dos departamentos franceses para a França metropolitana. Prometendo uma formação profissional e trabalhos justos, o Bumidom levou aproximadamente 90.000 pessoas para a metrópole. O que elas encontraram, na verdade, foram empregos ainda mais precarizados dos que tinham em seus territórios. Aimé Césaire descreveu essa operação como “genocídio por substituição”,⁶ já que na Guiana Francesa, seguido do Bumidom, buscou-se também o repovoamento com a instalação de asiáticos e de franceses metropolitanos. Essa estratégia logo ficou óbvia: um esvaziamento dos descendentes de escravizados, mandando-os para a metrópole a fim de assumirem subempregos, e o repovoamento com populações brancas. Como também apontou a escritora feminista e cientista política Françoise Vergès em uma entrevista,⁷ o Bumidom “[...] queria suprir a falta de mão de obra na França, mas também impedir a participação dessa juventude nas lutas de decolonização, que tinham então muita força, em particular na Reunião com o Partido Comunista Reunionense”.⁸ Assim, com a chegada massiva dos antilhanos e da população ultramarina no porto de Marselha, Françoise acabou ajudando muitas mulheres recém-chegadas e se envolveu cada vez mais com a luta pelos direitos de seus compatriotas.

É nesse contexto e a partir de suas experiências como doméstica que Ega não somente se identifica com as palavras da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, como enxerga também o dia a dia de muitas

⁶ Fonte: <http://une-autre-histoire.org/le-bumidom/>.

⁷ Entretien avec Françoise Vergès (2015). « Mettre en théorie et en pratique le principe de déplacement ».

⁸ Tradução nossa. Texto de partida em francês: « [...] voulait pallier le manque de main-d'œuvre en France mais aussi empêcher la participation de cette jeunesse aux luttes de décolonisation, qui étaient alors très vigoureuses, en particulier à La Réunion autour du Parti communiste réunionnais. » (p. 15)

de suas companheiras imigrantes antilhanas ali. Embora Carolina narre sua vida enquanto catadora de lixo enquanto Françoise tenha experiências como empregada doméstica, ambas ocupam espaços sociais marginalizados e sofrem ao serem destinadas ao *quarto de despejo* de suas distintas sociedades. Nesse período, Françoise estava no processo de escrita do seu livro *Le temps de Madras* (1966) e ao mesmo tempo escrevia cartas endereçadas à Carolina contando seu cotidiano e a situação de suas vizinhas e compatriotas em Marselha. Essas cartas dão origem a seu livro *Lettres à une noire*, publicado em 1978, após a morte de Françoise e também de Carolina, como já comentamos.

Uma de suas atividades comunitárias era também participar das atividades de catequese da *Chapelle de Sainte-Claire*, localizada no centro da *cit e* de Busserine. Em um domingo de 1976, Françoise acaba falecendo prematuramente de um ataque do coração na entrada da capela. Seus filhos e diversas reportagens de jornais locais da  poca⁹ contam que toda a população de Busserine e dos bairros perif ericos vizinhos fizeram uma longa procissão carregando o corpo de Mam'Ega. Ap os ser velada em Marselha, Françoise Ega cruzou de volta o oceano para ser enterrada no cemit erio de Morne-Rouge, junto a sua família. Em Marselha, sua presença ainda está viva no Comit e Mam'Ega, espaço cultural criado em 1988 com o objetivo de continuar o legado do trabalho comunitário tão importante de Françoise. O espaço   mantido por seus filhos, além de contar com diversos voluntários que desenvolvem e mant m um calendário de atividades importantes para a comunidade, como ateliês de escrita e leituras para crianças, colóquios, exposições, peças de teatro e encontros culturais. Em 2019, por pedido do Comit e Mam'Ega   prefeitura, a rua detrás do espaço cultural recebeu o nome de Françoise Ega, trazendo um reconhecimento ainda maior da ilustre moradora dos bairros do norte de Marselha.

2 A obra de Françoise Ega

2.1 *Le temps des madras* (1966)

O livro *Le temps des madras* foi a única obra publicada de Françoise Ega em vida, em 1966, pela editora  ditions Maritimes et d'outre-mer de Paris. Na ocasião de sua publicação, foi realizado um

⁹ Por exemplo: <https://vivreensemble.org/francoise-ega/>.

evento na associação de imigrantes antilho-guianenses AMITAG para o lançamento da primeira obra da escritora. Em 1989, a obra foi ainda reeditada pela editora L'Harmattan.

Nessa narrativa, contada na primeira pessoa em 18 capítulos, a autora se vale de lembranças de criança para construir a história de sua infância. No prefácio do livro, o psiquiatra martinicano Emile Monnerot (que vai assinar também o prefácio de seu livro póstumo *Lettres à une noire*) tenta definir *Le temps de madras*:

O livro de Françoise Ega não é um romance, um conto, nem uma reportagem. É uma narrativa em primeira pessoa, um testemunho um pouco autobiográfico da sua realidade martinicana. No entanto, essa narrativa, verdadeira observação naturalista, possui essas três modalidades de expressão. Do romance, ela pega emprestado a trama dramática no sentido etimológico, ou seja, os personagens descritos em seus movimentos interno e externo, colocados em situações e interações em movimento. Do conto, ela se vale da ambientação sobrenatural e da atmosfera de espera, vizinha do “suspense”. Da reportagem, fica o espírito documentarista e sua pesquisa da realidade. (MONNEROT, 1989, p. 9).¹⁰

De fato, o caráter quase documental e histórico do livro se encontra na voz dessa narradora em primeira pessoa que, ao mesmo tempo em que compartilha suas memórias, também nos entrega a história da ilha da Martinica. Podemos prever isso através do título, traduzido literalmente em português por “O tempo dos *madras*”. O *madras* é um tipo de tecido muito presente na região das Antilhas francesas e da Guiana Francesa, caracterizado por suas cores vivas, formando, em geral, padrões xadrezes ou listrados. Utilizado para a confecção de vestimentas tradicionais e de acessórios, como camisas, o *madras* é famoso por ter sido, historicamente,

¹⁰ Tradução nossa. Texto de partida em francês: « Le livre de Françoise Ega n'est pas un roman, un conte, ni un reportage. C'est un récit à la première personne, un témoignage quelque peu autobiographique de sa réalité martiniquaise. Ce récit, véritable observation naturaliste contient cependant ces trois modalités d'expression: Au roman, il emprunte sa trame dramatique au sens étymologique, c'est-à-dire des personnages décrits dans leur mouvement intérieur et extérieur : eux-mêmes placés dans des situations et des interactions en mouvement. Au conte, il doit son ambiance supranaturelle et son atmosphère d'attente voisine du “suspense”. Il tient du reportage par son esprit documentaire et sa recherche de la réalité. » (MONNEROT, 1989, p. 9).

o tecido dos turbantes usados pelas mulheres antilhanas. Os turbantes são usados ainda hoje, mas já possuem uma carga histórica de vestimenta tradicional. De origem indiana e tendo sido introduzido nas ilhas do Caribe no final do século XVIII, o uso do *madras* tinha significados importantes na sociedade antilhana: os diferentes tipos de nós que podiam ser dados nos turbantes indicavam o status de relacionamento das mulheres ou o tipo de festa a que iriam. Por exemplo, se a amarração fosse a de duas pontas (*deux bouts*), significava que a mulher estava solteira. Mas se o cabelo estivesse preso com a amarração de três pontas (*trois bouts*) significava que a mulher era casada.¹¹ Desse modo, o título que Ega dá ao seu romance faz referência a essa época em que as mulheres usavam o *madras* para estes fins.

A narrativa dessa infância de Françoise parece se organizar em três partes. A primeira, do capítulo 1 ao 4, gira em torno de seu pai, guarda florestal, primeiro na cidade Rivière-Salée e depois na Morne Carabin. Essa primeira parte tem seu fim com a morte dele, ocasionada por um *quimboiseur*¹² de Morne Carabin, deixando pairar um clima de suspense no ar. Na segunda parte, do capítulo 5 ao 12, vemos com muita força a presença das mulheres antilhanas, as *potomitans*.¹³ Duas personagens aparecem em evidência: sua tia Acé e sua mãe Délie, ambas presentes na dedicatória do livro em questão. Aqui a família se encontra em Morne-Rouge e sua mãe passa por um período bastante difícil, tentando encontrar coragem para manter a família sem seu esposo. A história e a revelação de que sua avó paterna era escravizada também são partes bastante marcantes das presenças femininas que aparecem com tanta força.

Essa revelação brutal mexeu muito comigo. Como eu poderia ser neta de uma escravizada? Primeiramente, o que eram escravizados? Claro que quando as vendedoras de peixe e as

¹¹ Fonte: <http://madras-traditions.com/content/12-le-madras>.

¹² Nas Antilhas, *quimboiseur* está ligado ao *quimbois* – o nome genérico para as práticas mágico-religiosas do sincretismo religioso antilhano – e designa aqueles que possuem a sabedoria e que conseguem “decifrar o indecifrável”. De maneira reducionista e às vezes pejorativa, essas pessoas seriam comparadas a feiticeiros ou bruxos, um pouco parecido com o que vemos acontecer no Brasil com a apelação “macumbeiro”.

¹³ *Potomitan* é uma expressão crioula antilho-guianense que designa o pilar central dos templos vaudous. A expressão acabou se tornando sinônimo das mães antilhanas, que mantêm e seriam a grande fortaleza das famílias.

padeiras tiravam da cabeça suas cestas imensas, elas diziam: “Estou exausta tal qual uma escravizada!”. Eu presumia que essa era uma palavra qualquer, mas saber que minha avó era escravizada, isso muda tudo! (EGA, 1966, p. 50).¹⁴

A terceira parte, do capítulo 13 ao 18, apresenta a mudança da família para a capital, Fort-de-France. A primeira partida se deu logo após a erupção de 1929 do vulcão Montanha Pelée e a segunda, essa sim definitiva, se deu alguns anos mais tarde, quando Marcelle (segundo nome de Françoise) se instala na capital para se preparar para o seu *Certificat d'études*.

Notamos que o tom autobiográfico, bem como o tema da compreensão de uma identidade negra, que já se constroem neste texto, estarão também presentes em suas narrativas póstumas. Em certa medida, podemos afirmar que o empréstimo de vários gêneros diferentes de narrativa, observado por Monnerot, são igualmente características de todas suas escritas.

2.2 Lettres à une noire (1978)

O livro póstumo *Lettres à une noire*, publicado em 1978, é particularmente interessante para o público brasileiro, pois, como dito

¹⁴ Tradução nossa. Aqui, optamos por traduzir a palavra *esclave* (“escravo”, em português) por “escravizado” por entendermos e nos inserirmos na discussão de que ninguém nasce escravo, mas sim passa a ser escravizado. Sabemos que dispomos dessa palavra também em francês (*esclavisé*) e que a autora, na época, não tinha conhecimento dela; ainda assim preferimos essa mudança por razões ideológicas já explicitadas. Para uma análise aprofundada do problema, ver: RAMOS (2018), *Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português* (Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://www.scielo.br/scielo.php?script%3Dsci_arttext%26pid%3DS0103-18132018000100071&sa=D&ust=1593539020670000&usg=AFQjCNGIstea3-GEf_m_R7pFGvQj0xhBrw..). Texto de partida em francês: « Cette brutale révélation me bouleversa. Comment, moi, j'étais petite-fille d'esclave ? Tout d'abord, qu'est-ce que c'était que les esclaves ? Cette question me tourmentait et jamais mes parents n'avaient fait allusion à cet état. Bien sûr, lorsque les poissonnières ou les portuaises de pain enlevaient de leur tête leurs incroyables chargements, elles disaient: « Je suis lasse comme une esclave ! ». Je supposait que c'était là un mot quelconque, mais puisque mon aïeule avait été esclave, cela changeait tout ! » (EGA, 1966, p. 50).

anteriormente, consiste em cartas endereçadas, mas jamais enviadas, à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Essa obra epistolar é dividida em 19 capítulos com cartas datadas de maio de 1962 a junho de 1964. *Quarto de despejo – o diário de uma favelada* é obra mais famosa de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960 no Brasil, conheceu um imenso sucesso, sendo traduzida para 14 línguas diferentes. Uma dessas traduções, mais precisamente um pequeno resumo traduzido para o francês, chega às mãos de Françoise Ega.

O primeiro capítulo do livro de Françoise Ega já começa com uma resposta, jogando o leitor no que parece ser uma conversa entre as duas escritoras: “Sim, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs” (EGA, 1978, p. 9).¹⁵ Na verdade, Françoise parece responder, de fato, à pergunta que Carolina Maria de Jesus faz em seu livro-diário *Quarto de despejo*, no dia 17 de maio de 1958: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?” (JESUS, 2014, p. 33).

Na sequência, as cartas, que às vezes tomam forma de pequenos bilhetes ou de verdadeiros contos, criam uma unidade interessante que se assemelha, de certo modo, ao diário de Carolina de Jesus. Assim como Carolina contava seu dia a dia na favela do Canindé e no centro de São Paulo, Françoise narra seu dia a dia enquanto empregada doméstica e imigrante no bairro de Buserine, em Marselha. No contexto francófono, o livro de Ega foi de extrema importância ao ser um dos primeiros registros da realidade das mulheres antilhanas vindas para a França no processo do Bumidom. Diferente do que era prometido, essas mulheres não eram orientadas a trabalhos igualitários, tendo que aceitar, na sua maioria, o trabalho doméstico em casa de senhores e senhoras francesas para conseguir pagar seus custos na metrópole.

Pensando nos pontos de contato entre as obras, que foi assunto de outro artigo de uma das autoras,¹⁶ identificamos em *Lettres à une noire* certa repetição como também existe em *Quarto...*, mas de caráter diferente. Não temos a descrição de um dia a dia da martinicana pelo simples motivo de que não se trata aqui de um diário, mas sim de um conjunto de cartas.

¹⁵ Tradução nossa. Texto de partida em francês: « Mais oui, Carolina, les misères des pauvres du monde entier se ressemblent comme des soeurs [...] » (EGA, 1978, p. 9).

¹⁶ SIQUEIRA, 2020, p. 129-147.

No entanto, a descrição detalhada do trabalho doméstico e dos problemas enfrentados pelas mulheres antilhanas em Marselha se destaca e dá forma ao livro. É interessante analisar que, ainda que sejam formas diferentes, a quantidade de cartas e a sequência cronológica dão a sensação de uma rotina, de um diário – o que se assemelha deveras ao livro de Carolina. Da mesma maneira que a presença forte da fome e da pobreza se repete e constrói a estrutura narrativa em *Quarto de despejo*, a vida de domésticas antilhanas e os problemas em conseguirem suas garantias trabalhistas é o grande ponto que unifica a obra *Lettres à une noire*:

2 de junho de 1962

Carolina, ontem foi a Festa da Ascensão. Na igreja do meu bairro, eu vi uma menina da mesma raça que a minha soluçando depois da comunhão. Aquilo me revirou o estômago; eu quis saber quem era ela e o que ela estava fazendo ali, na periferia de Marselha, com um vestido de verão sendo que ainda estava fresco e eu usava um grande pull-over. Ela sorriu. Falei em patoá, isso deu mais confiança. Ela me contou que “fizeram ela vir”. [...] Meu sangue fervia, Carolina! [...] De fato, há muitas meninas que “fazem vir” pra Marselha. Elas deixam as ilhas por um destino melhor. Eu as observo, e é sempre a mesma coisa, [...]. (EGA, 1978, p. 12).¹⁷

Lendo Françoise de modo a não desvincular a literatura da sociedade, entendemos historicamente o movimento de relatar nessas cartas a vida das empregadas domésticas. Na época de escrita do livro, a autora estava diretamente ligada às discussões sobre o Bumidom e também, como deixa claro em várias partes do livro, estava em contato com muitas antilhanas que acabavam de chegar à França sem nenhum direito garantido. Tal como o diário de Carolina, as cartas de Françoise são a mimetização de uma realidade pouco ou nada representada pela literatura dita “universal” – a reportagem *Celle qui dit non à l’ombre* da

¹⁷ Tradução nossa. Texto de partida em francês: « 2 Juin 1962 / Carolina, hier c’était l’Ascension. Dans l’église de mon quartier, j’ai vu une fille de ma race qui sanglotait après la communion. Cela m’a remué les tripes, j’ai voulu savoir qui elle était et ce qu’elle faisait là, dans la banlieue de Marseille, avec sa robe de plein été alors qu’il faisait encore assez frais et que je supportais un gros pull-over. Elle a souri. J’ai parlé patois, cela l’a mise en confiance. Elle m’a raconté “qu’on l’a fait venir”. [...] Carolina, mon sang bouillonnait ! [...] En effet, il y a beaucoup de filles que l’ “on fait venir” à Marseille. Elles laissent les îles pour une destinée meilleure. Je les vois, et c’est toujours la même chose, [...]. »(EGA, 1978, p. 12).

revista *Z – Revue itinérante d'enquête et de critique sociale* inclusive fala de Françoise como a primeira autora antilhana de quem se tem notícia e a primeira a denunciar as desigualdades vividas pelas mulheres antilhanas na França metropolitana.

Além desse contexto, também encontramos nas cartas o testemunho da escrita paralela de um livro. O livro em questão, que estava sendo escrito na mesma época em que ela escrevia para Carolina, é *Le temps de madras*. A autora nos revela suas vitórias ao conseguir escrever, ao ser lida e aprovada enquanto escritora pela família e vibra quando está prestes a acabar a escrita de seu precioso livro: “Eu vejo meu livro tomando forma, Carolina, mal posso esperar. As tardes são longas e calmas, só o inverno para acalmar os provençais, isso me permite escrever, mais dois capítulos e ele estará pronto!” (EGA, 1978, p. 62).¹⁸ Também é interessante observar que Françoise aborda a importância da escrita e o seu ato de escrever nos revelando suas dificuldades e inseguranças ao se colocar enquanto escritora:

Agora que ele está finalizado e que eu parei de fazer suposições, e que eu escrevi para aquele que me permitiu te conhecer para pedir conselho, eu tenho um sentimento de desconforto. É inexplicável, mas teria eu o direito de maltratar a língua de Molière dessa forma? Eu, uma pobre negra? Teria eu o direito de dizer coisas bonitas em mau francês? (EGA, 1978, p. 84).¹⁹

Sempre mantendo a interlocução com Carolina, a autora expõe medos, como errar a conjugação do passado no francês, deixando espaço para refletirmos sobre o poder simbólico dessa língua e de sua cultura imperialista. No entanto, a conexão com Carolina e o fato de se reconhecer nessa brasileira que, apesar de todas as circunstâncias, seguiu escrevendo, é mais forte.

¹⁸ Tradução nossa. Texto de partida: « Je vois mon livre qui prend forme, Carolina, je me frotte les mains. Les après-midi sont longs et calmes, il n'y a que l'hiver qui calme les provençaux, cela me permet d'écrire, encore deux chapitres et il sera terminé ! » (EGA, 1978, p. 62).

¹⁹ Tradução nossa. Texto de partida: « Maintenant qu'il est terminé et que je ne fais plus de suppositions, et que j'ai écrit a celui qui m'a permis de te connaître pour te demander conseil, j'ai un sentiment de gêne. C'est inexplicable, mais avais-je le droit d'ainsi malmenier la langue de Molière ? Moi, une pauvre négresse ? Avais-je le droit de dire des jolies choses en mauvais français ? » (EGA, 1978, p. 84).

2.3 L'Alizé ne soufflait plus (Antan Robè) (2000)

A última obra publicada de Françoise Ega também é póstuma. Publicado em 2000 através do Comité Mam'Ega pela editora L'Harmattan, *L'alizé ne soufflait plus (Antan Robè)* traz a história de um casal de jovens martinicanos vivendo em Fort-de-France em 1939, início da Segunda Guerra Mundial. Diferente de seus outros livros, este é narrado em terceira pessoa e conta com 15 capítulos mais um epílogo.

Esse texto segue a linha dos outros, carregando uma grande dimensão sociológica e histórica. Como traz em seu subtítulo – *Antan Robè* –, a autora evoca o período que os martinicanos chamam de “*do tempo de Robert*”, referência ao regime autoritário da época em que a Martinica viveu sob os comandos do almirante Georges Robert, enviado pelo marechal Pétain para governar a ilha. Na época, produtos básicos como farinha, carne, sabão e tecido acabam faltando e a população precisa sobreviver de uma produção local artesanal. Além disso, a mortalidade infantil cresce bastante. Uma narrativa bastante marcada pela guerra e ambientada nessa Martinica de Robert, onde o personagem Telliam, jovem martinicano de uma família abastada e cheia de preconceitos, sai de casa para ir morar em Fort-de-France com Chabine, uma menina sem educação formal e de origem rural. No bairro popular de Trénelle onde vivem, Telliam e seus vizinhos começam a se reunir sempre na praça para conversarem e se atualizarem sobre os eventos da Segunda Guerra.

Logo os mesmos jovens que se encontravam alegremente na praça se dão conta de que terão que partir para a metrópole a fim de defender a “pátria mãe”. Chegando à França, a saudade do calor das Antilhas e o racismo que encontram na metrópole fazem com que estes homens oriundos de classes sociais e raciais tão distintas na Martinica – o *mulâtre*, o *chabin*, o *coolie*²⁰ e o negro – acabem se aproximando. Na Martinica,

²⁰ Nas Antilhas, existem diversos termos que designam características raciais. Eles são oriundos de contextos pejorativos, mas permanecem até hoje como uma distinção racial bastante grande. *Mulâtre* é alguém nascido da relação de um negro com um branco, normalmente suas características são a pele clara e cabelos cacheados. *Chabin* faz referência aos brancos de cabelos crespos, nascidos de relações sem mestiçagem direta. *Coolie* designa a população indiana que foi trazida logo após a abolição da escravatura para ocuparem os trabalhos agrícolas da ilha. Fonte das informações: <https://www.lovetnik.com/blog/article/chabine-mulatrese-chape-coolie-bata-zindien/21>. Acesso em: 3 set. 2020.

em Fort-de-France, as mães, irmãs e companheiras mulheres seguem sob o governo de Robert. A cidade passa por situações muito difíceis e de muita desigualdade social.

Parece visível a continuidade entre os temas abordados por Françoise nestes três livros. A narração de sua própria história de vida como palco para trazer a história social primeiro da ilha da Martinica e depois de Marselha e da França em geral é o ponto de conexão de todas essas obras. E parecem ser justamente essas características que a inserem, enquanto escritora e intelectual negra, em uma tradição de escritoras antilhanas e latino-americanas.

3 Considerações finais

Frequentemente tendemos a classificar autoras como Françoise Ega ou Carolina Maria de Jesus como “autoras pioneiras” ou ainda “autoras únicas, raras”, por trazerem em seus escritos a realidade da população negra e por simplesmente serem mulheres negras, compreendidas como periferia literária. Isso pode ser explicado de maneira resumida pelo fato de que as histórias literárias também estão ligadas ao processo do capitalismo moderno eurocêntrico. Para Aníbal Quijano, em *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, esse processo resultou em um novo padrão de poder mundial que está ancorado na classificação social a partir da ideia de raça. Como bem cita o autor, “[...] a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtor exclusivamente europeus” (QUIJANO, 2014, p. 211),²¹ ou seja, nenhum outro lugar e ninguém além do branco europeu estariam autorizados a serem inteiramente ‘modernos’ ou ‘racionais’. Essa ideia está dentro das Histórias da literatura quando nenhuma delas – seja a brasileira, a francesa, a martinicana ou a dita “mundial” – inclui autoras negras em seus compilados, por exemplo.

No entanto, Maryse Condé, em *La parole des femmes*, relança o olhar sobre o papel e a presença de mulher antilhana na História nos revelando outro caminho de entendimento:

²¹ Tradução nossa. Texto de partida em espanhol: “[...] la modernidad y la racionalidad fueron imaginadas como experiencias y productos exclusivamente europeos.” (QUIJANO, 2014, p. 211).

O papel da mulher no centro das lutas de liberação anteriores e posteriores à abolição da escravidão foi imensamente ocultado. Vivendo nas *habitations* como empregada doméstica (cozinheira, babá, costureira), em várias situações ela foi responsável pelos envenenamentos coletivos dos senhores e suas famílias, participou dos incêndios das plantações, terror do século XVIII, e participou em grande número das fugas para os quilombos. A Jamaica conservou a imagem de “Nanny of the Maroons”, figura lendária que dirigiu uma colônia de revoltados. Guadalupe conservou a “mulâtresse Solitude”. Além desses dois exemplos, existem outros que convêm ser reencontrados. Podemos nos questionar se a modificação do olhar que a mulher antilhana tem dela mesma e a degradação de seu status não acompanham na verdade o progresso da urbanização, a ascensão da classe burguesa, cujos modos de vida são moldados naqueles da “metrópole” e na dependência cada vez mais forte diante dos ideais europeus. (CONDÉ, 1993, p.4).²²

Como a autora guadalupense coloca, a mulher antilhana participou e é personagem principal de muitas revoltas contra a abolição nas Antilhas, sendo uma potência importante para o desenvolvimento dessas sociedades. No entanto, esse olhar que menospreza seus feitos viria mesmo da sociedade colonialista francesa e europeia.

Analisando diversos romances de autoras antilhanas, Condé dá voz a essas mulheres mostrando o quanto numerosas e potentes elas são. Mais do que isso: o quanto cada uma delas contribuiu para a História com H maiúsculo, seja mundial, local ou literária. Desse modo, é preciso compreender Françoise Ega também junto a essas escritoras, e não

²² Tradução nossa. Texto de partida em francês: « Le rôle de la femme au sein des luttes de libération antérieures et postérieures à l’abolition de l’esclavage a été largement occulté. Vivant souvent dans l’Habitation à titre de domestique (cuisinière, bonne d’enfants, lingère), elle a dans bien des cas été responsable des empoisonnements collectifs des maîtres et de leur famille, participé aux incendies des plantations, terreur du XVIIIe siècle et a marronné en nombre important. La Jamaïque a gardé le souvenir de “Nanny of the Maroons”, figure devenue légendaire qui dirigea une colonie de révoltés. La Guadeloupe, celui de la “mulâtresse Solitude”. Outre ces deux exemples, il s’en trouve d’autres qu’il conviendrait de retrouver. On peut se demander si la modification du regard que la femme antillaise porte sur elle-même et la dégradation de son statut n’accompagnent pas les progrès de l’urbanisation, la montée de la classe bourgeoise dont les modes de vie sont calqués sur ceux de la “métropole” et la dépendance de plus en plus lourde vis-à-vis des idéaux européens. » (CONDÉ, 1993, p.4).

como um sucesso isolado ou único. Ao somar Ega às martinicanas e guadalupenses Simone Schwarz-Bart, Gisèle Pineau, Dany Bebel-Gisler e Michèle Lacrosil, por exemplo, conseguimos compreendê-las enquanto parte central de uma História literária e social e não mais à margem.

Expandindo geograficamente essa compreensão do papel das mulheres negras antilhanas em suas sociedades, podemos pensar em uma unidade também latino-americana. O fato da conexão entre Françoise Ega e a brasileira Carolina Maria de Jesus é bastante interessante. No momento em que Françoise Ega se apropria do formato diário-autobiográfico de Carolina Maria de Jesus e a transforma em sua interlocutora, escrevendo cartas à escritora brasileira, ela se insere em uma História da literatura de mulheres negras diaspóricas específica da América Latina. Compreendendo a história de socialização de mulheres diaspóricas afrodescendentes, entendemos que Françoise Ega não se identifica com Carolina Maria de Jesus por coincidência. E que autoras como elas não abordam assuntos parecidos ou temáticas que conversam entre si por mero acaso. Essas mulheres são descendentes de africanos escravizados no processo do tráfico negreiro e, mesmo que as experiências que Françoise teve como pobre, primeiro em um departamento francês e depois na própria França, sejam diferentes das experiências de Carolina no Brasil, as duas experienciaram o nível mais baixo da pirâmide hierárquica socioeconômica de seus países. A escrita autobiográfica também não surpreende e não pode ser entendida como algo excepcional; as obras de Ega e de De Jesus estão perfeitamente inseridas em uma tradição literária, assim como demais autoras negras latino-americanas e caribenhas.

Desse modo, o objetivo deste artigo foi de apresentar a biografia e a obra de Françoise Ega, ainda que brevemente, a fim de inseri-la em uma compreensão maior que o recorte da literatura martinicana ou caribenha. Parece-nos essencial ressaltar a importância histórica e sociológica de Françoise Ega para a América Latina, já que a própria produção da autora propõe essa conexão.

Referências

CÉSAIRE, A.; MÉNIL, R. *Tropiques – 1941-1945*. Paris: Jean-Michel Place, 1978.

CONDÉ, M. *La parole des femmes – essai sur des romancières des Antilles de langue française*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1993.

DALCASTAGNÈ, R. Cartas lançadas a um oceano fora do tempo. *Suplemento Pernambuco*, Recife, [2008?]. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/2008-cartas-lan%C3%A7adas-a-um-oceano-fora-do-tempo.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

DESQUESNES, N. Celle qui dit non à l'ombre – Françoise Ega, une bonne écrivaine. *Z – Revue Itinérante d'Enquête et de Critique Sociale*, Marseille, n. 10, p. 22-33, 2016-2017.

EGA, F. *L'alizé ne soufflait plus*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2000.

EGA, F. *Le temps des madras*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1989.

EGA, F. *Lettres à une noire – récit antillais*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1978.

FRANÇOISE Ega: Celle qui dit non à l'ombre. *Vivre ensemble Mam'Ega*, Marseille. Disponível em: <https://vivreensemble.org/francoise-ega/>. Acesso em: 3 set 2020.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LE Bumidom (1963-1981). *Une Autre Histoire*, [S.l.]. Disponível em: <http://une-autre-histoire.org/le-bumidom/>. Acesso em: 3 set. 2020.

MADRAS. Histoire du Madras. *Madras Traditions*, Fort de France. Disponível em: <http://madras-traditions.com/content/12-le-madras>. Acesso em: 3 set. 2020.

MONNEROT, É. Préface. In: EGA, F. *Le temps des madras*. Paris: Éditions Harmattan, 1989.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: _____. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Selección y

prologo a cargo de Danilo Assis Clímaco. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 286-328.

SILVA, L. R. da. Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no brasil no par de línguas espanhol-português. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 71-88, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138651618354781>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132018000100071&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun. 2020.

SIQUEIRA, S. “*Tudo o que tu escreveste, eu sei*” – a tradição de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas: o encontro da brasileira Carolina Maria de Jesus com a martinicana Françoise Ega. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 129-147, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.104860>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/104860/57406>. Acesso em: 3 set. 2020.

SIQUEIRA, S. *A voz antilhana registrada por Ina Césaire*: desafios de tradução da oralitura em *Contes de nuits et de jours aux Antilles*. Porto Alegre: Bestiário, 2020.

VERGÈS, F. Entretien avec Françoise Vergès. “Mettre en théorie *et* en pratique le principe de déplacement”. *Comment S’en Sortir?*, France, n. 1, 2015. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02407697/file/css-1_2015_verges_mettre-en-pratique-et-en-theorie-le-principe-de-deplacement.pdf. Acesso em: 3 set 2020.

Recebido em: 30 de junho de 2020.

Aprovado em: 8 de setembro de 2020.